

CGT, sindicato e revolução

O nascimento na França de um movimento chamado “sindicalismo revolucionário” é o resultado de uma série de fatores históricos muito precisos:

- O esmagamento da Comuna de Paris e a repressão implacável que se seguiu imprimiram na classe trabalhadora uma oposição visceral ao Estado, à polícia e ao exército. Aqui reside a fonte do antiestatismo e do antimilitarismo que naturalmente encontraremos no movimento operário francês.

- Após a Comuna, houve um período de reconstituição das organizações da classe trabalhadora, lento no início, depois cada vez mais significativo. Este processo foi acompanhado por um aumento significativo no número de greves.¹ Esta foi uma época em que os democratas radicais, os “socialistas burgueses”, como Bakunin os chamava, demonstraram intensa atividade no controle das organizações dos trabalhadores e na canalização delas na direção da reconciliação do capital e do trabalho.

Os jornais radicais da República quase todos tinham uma seção operária: *La République française*, *La Constitution*, *Le Corsaire*, *Le Rappel*. Essa corrente não defendia a luta de classes: seu projeto era criar um “sindicalismo de pacificação social” para reconciliar os trabalhadores e a República; Mas quando em 1876 as câmaras sindicais decidiram criar um jornal autenticamente operário, esses bons democratas burgueses fizeram de tudo para sabotar a iniciativa. Tal comportamento, e a solicitude não inteiramente desinteressada dos radicais burgueses, explicam em grande parte a forte relutância dos sindicalistas revolucionários, mais tarde, em relação aos partidos políticos.²

No período conturbado da reconstituição do movimento operário após a Comuna, o movimento socialista era composto por inúmeras capelas concorrentes que se apresentavam como tutores do movimento operário, o que o afastou do socialismo: o sindicato aparecia como o único organismo unificador do proletariado, era, como diz Toledo, o vetor da construção de uma identidade operária.³

Esta foi uma causa adicional de desconfiança em relação aos partidos políticos e seus objetivos parlamentares. Assim: antiestatismo, antimilitarismo e antiparlamentarismo, ao qual acrescentamos o anticlericalismo resultante da

1 Michelle Perrot, *Les ouvriers en grève, 1871-1890*, Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 2001..

2 Voir : René Berthier, “Répression antisindical et anti-anarchiste en France de la fin de la Commune à la Grande guerre”, 1^{re} partie : <http://monde-nouveau.net/spip.php?article552>

3 Toledo, *op. cit.*, pág. 13.

reação contra a ordem moral imposta pelos sacerdotes, temos um *coquetel ideal* para a formação de uma doutrina sindicalista revolucionária.

As coisas não são diferentes na Espanha, por exemplo, onde “o rápido estabelecimento do apolitismo doutrinário (...) não foi por acaso (...). Corresponhia, num plano puramente moral, ao crescente desgosto sentido pelo povo comum em relação aos inúmeros partidos, facções e grupos de pressão que lutavam pelo controlo do Estado e dos municípios.”⁴ Temos o mesmo “coquetel” aqui que na França, mas sua composição pode ser ligeiramente diferente de um país para outro.”

Nos círculos académicos franceses, costuma-se considerar que a expressão “sindicalismo revolucionário” apareceu pela primeira vez em jornais socialistas (o que deve agradar a Toledo), como *Le Mouvement socialiste*, e que sua paternidade remonta a socialistas como Lagardelle, Berth ou Guieysse. Mas esses homens são apenas observadores, porque os conceitos de sindicato e revolução são frequentemente associados nos congressos da CGT no início do século XX:

“...A Confederação Geral do Trabalho, unindo todas as forças sindicais dos trabalhadores, é chamada a se tornar o instrumento revolucionário capaz de transformar a sociedade.” (Congresso de Lyon, 1901).

Trata-se do “nosso sindicalismo consciente e revolucionário” (Congresso de Montpellier 1902). Fala-se também de “trabalho revolucionário e sindical” (Congresso de Montpellier, 1902). Somos “sindicalistas, revolucionários”, ainda se diz.

Inevitavelmente, o termo “sindicalismo revolucionário” teve que surgir um dia. Isso pode ser visto no relatório confederal do congresso de Montpellier em 1902: ele fala da “força cada vez maior do sindicalismo revolucionário e da consciência cada vez mais esclarecida da legitimidade das reivindicações dos trabalhadores”. Esta é, *até onde sei*, a primeira aparição do termo “sindicalismo revolucionário”, que é usado apenas uma vez nesta ocasião.⁵ O termo retornou novamente no congresso seguinte, em Bourges, em 1904 – apenas uma vez.

Pode-se dizer que o sindicalismo revolucionário tornou-se uma expressão oficialmente assumida em 1905, em um artigo escrito pelo secretário da CGT,

4 Cesar M. Lorenzo, *Le mouvement anarchiste en Espagne*, Les éditions libertaires, p. 21.

5 É impossível estudar seriamente o sindicalismo revolucionário sem fazer um estudo muito cuidadoso das atas dos congressos da CGT e das Bolsas do Trabalho. Tal leitura nos permite varrer todas as construções mitológicas que foram feitas posteriormente. Não só temos uma fonte essencial de informação, como também entendemos o clima que reina nos congressos e a extensão dos confrontos entre as diferentes correntes. O leitor pode consultar o site do Instituto de História Social da CGT, que dá acesso a quase todos os congressos e conferências sindicais realizados até a Segunda Guerra Mundial. <http://www.ihs.cgt.fr/spip.php?rubrique70>

Victor Griffuelhes, intitulado “Sindicalismo revolucionário”, publicado em uma revista socialista, *Le Mouvement socialiste* (1ª ed. Janeiro de 1905).⁶ Para que fique registrado, Griffuelhes não era anarquista, mas sim de origem blanquista, mas ele havia se tornado muito próximo dos anarquistas. O termo aparece novamente *uma vez* no congresso de Amiens em 1906. Mas a expressão é lançada. E nem é preciso dizer que a palavra não criou o fato, que já existia na prática dos ativistas.

Vimos que, segundo Schmidt e van der Walt, “o sindicalismo revolucionário é uma variante do anarquismo”; Os dois autores de *Black Flame* acrescentam que “o movimento revolucionário faz parte da *Ampla Tradição Anarquista*. Este ponto é aplicável a todas as principais variantes do sindicalismo revolucionário.” (p.16.) Esta afirmação resume perfeitamente a sua tese; todos os argumentos do livro sobre essa questão são simplesmente reformulações da mesma ideia. Esta visão mítica, que cria uma ligação obrigatória de causa e efeito entre anarquismo e sindicalismo revolucionário, exclui qualquer análise das correspondências históricas reais que podem existir entre essas duas correntes, e também entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo; Da mesma forma, exclui qualquer abordagem que nos permita avaliar as diferenças reais. A afirmação de que o sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo são “estratégias” (ou mesmo “variantes”) do anarquismo faz parte de uma abordagem perfeitamente coerente com o conceito de *Tradição Anarquista Ampla*, segundo a qual correntes que não fazem parte dela, ou mesmo que rejeitam essa filiação, são forçada e artificialmente integradas ao anarquismo. Esse método autoritário e recuperativo tem o efeito de ampliar consideravelmente o escopo do que é considerado “anarquista” ou parte de uma “tradição anarquista” – um processo que estamos acostumados a ver empregado pelos trotskistas e pelos anarquistas que tentam imitá-los.

A única distinção que os autores de *Black Flame* fazem entre o sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo é que o grau de referência ao anarquismo é explícito e inequívoco no anarco-sindicalismo, enquanto o sindicalismo revolucionário se refere a ele apenas circunspectamente, ou nem se refere a ele. Esta é uma visão caricatural e muito “Reader’s Digest” da história.

Fernand Pelloutier e a entrada dos anarquistas nos sindicatos

Em 20 de outubro de 1895, Pelloutier escreveu um artigo para *Les Temps Nouveaux* intitulado “Anarquismo e sindicatos operários”,⁷ no qual abordou os pontos essenciais que o sindicalismo revolucionário estava desenvolvendo.

6 monde-nouveau.net/spip.php?article576

7 F. Pelloutier, “L’Anarchisme et les syndicats ouvriers”,
<http://monde-nouveau.net/spip.php?article17>

Poucos meses antes, no congresso da Federação Nacional de Bolsas de Trabalho, de 9 a 12 de junho de 1895, ele foi eleito secretário, após servir como secretário assistente por um ano. O artigo é revelador do distanciamento de uma parte do movimento anarquista da época – aquela parte do movimento à qual ele está se referindo, em todo caso – em relação à classe trabalhadora. De fato, Pelloutier lamenta que os anarquistas “se mantenham afastados dos sindicatos e, se necessário, combatam-nos porque, durante algum tempo, esta instituição foi o verdadeiro viveiro de aspirantes a deputados”. Esta é uma alusão óbvia aos dez anos seguintes ao esmagamento da Comuna, durante os quais a burguesia radical, apresentando-se como tutora da classe trabalhadora e esperava o apoio dela nas eleições, demonstrou grande preocupação com as estruturas dos trabalhadores que estavam sendo lentamente reconstruídas.

Pelloutier explica em seu artigo em *Les Temps Nouveaux* que a entrada de anarquistas nos sindicatos foi favorecida por dois fatos:

1. A partir de novembro de 1892, foram aplicadas leis de redução da jornada de trabalho, supostamente para proteger mulheres e crianças, mas que tiveram efeitos desastrosos: redução de salários em certas empresas, extensão do trabalho em casa, aumento da intensidade do trabalho. Para evitar esses efeitos nocivos, novas leis eram necessárias para regular o preço da mão de obra. Mas essas leis, por sua vez, causaram um aumento no custo de vida. Tudo isso encorajou a ideia de que os proletários não deveriam apelar ao Estado, mas sim resolver seus próprios problemas. Esta é uma das constantes do sindicalismo revolucionário. James Guillaume descreve em sua *Internationale, documents et souvenirs* uma situação absolutamente idêntica na Suíça, onde uma lei em favor da classe trabalhadora produziu efeitos desastrosos.

2. O segundo fato que contribuiu para encorajar os anarquistas a se filiar aos sindicatos, diz Pelloutier, foi que os sindicatos acabaram entendendo (e era melhor tarde do que nunca) que sua própria divisão tinha uma causa maior do que a divisão dos políticos e que ambas resultavam... da política.

“Foi então que, já encorajados pela manifesta ineficácia das leis ‘sociais’, pelas traições de certos socialistas eleitos (...), pelos resultados deploráveis da interferência de deputados ou conselheiros municipais nas greves (...), pela hostilidade à greve geral de jornais e de homens cuja política consiste toda em fazer ou fazer-se a escada para conquistar os 25 francos e o lenço, os sindicatos decidiram que doravante as agitações políticas permaneceriam estranhas a eles, que qualquer discussão, que não fosse econômica, seria implacavelmente proscrita de seu programa de estudos e que eles se dedicariam inteiramente à resistência contra o capital.”

A entrada dos libertários nos sindicatos, diz Pelloutier, “teve um resultado considerável”: “Primeiro ensinou às massas o verdadeiro significado do

anarquismo, uma doutrina que, para criar raízes, pode muito bem, repitamos, prescindir da dinamite individual; e, por meio de uma cadeia natural de ideias, revelou aos membros do sindicato o que essa organização corporativa é e o que ela pode se tornar, da qual eles até então tinham apenas uma concepção estreita.”

O texto de Pelloutier, escrito na época da formação do sindicalismo revolucionário, expõe sua estratégia geral com muita clareza. A próxima revolução, ele diz, não realizará instantaneamente o “comunismo anarquista puro”, porque ela eclodirá antes que “a educação anarquista esteja completa”: os homens ainda não estarão maduros o suficiente “para serem capazes de se ordenar absolutamente”: sem dúvida levará muito tempo ainda. Portanto, o “comunismo perfeito” provavelmente não será “a forma social de amanhã”; mas devemos seguir em frente, “aproximar-nos o máximo possível da perfeição” para que, “quando chegar o dia da conflagração, tenhamos alcançado a emancipação máxima”.

“Mas o estado de transição a ser suportado deve ser necessariamente, fatalmente, a prisão coletivista? Não pode consistir em uma organização libertária limitada exclusivamente às necessidades de produção e consumo, tendo todas as instituições políticas desaparecido? Esse é o problema que vem preocupando muitas mentes há muitos anos, e com razão.”

O sindicato, “uma associação de livre acesso ou retirada, sem um presidente, cujos únicos funcionários são um secretário e um tesoureiro que podem ser demitidos a qualquer momento”, é formado por homens que estudam e discutem interesses profissionais semelhantes. “Quem são esses homens? Produtores, as mesmas pessoas que criam toda a riqueza pública.”

O sindicato é um “laboratório de lutas econômicas, desvinculado das competições eleitorais, favorável à greve geral com todas as suas consequências, administrando-se anarquicamente, o sindicato é, portanto, a organização que é ao mesmo tempo revolucionária e libertária e que sozinha poderá contrabalançar e ter sucesso em reduzir a influência nociva dos políticos coletivistas” (isto é, socialistas eleitoralistas – A palavra não tinha mais o mesmo significado que nos dias da Internacional).

“Suponhamos agora que, no dia em que a Revolução eclodir, quase todos os produtores estejam agrupados em sindicatos: não haverá ali, pronta para suceder à organização atual, uma organização quase libertária, suprimindo efetivamente todo o poder político, e cada parte, controlando os instrumentos de produção, regularia todos os seus assuntos ela mesma, soberanamente e pelo livre consentimento de seus membros? E isso não seria a ‘livre associação de livres produtores’?”

Pelloutier antecipa as objeções que podem surgir: “As administrações federais podem tornar-se poderes; pessoas hábeis conseguem governar os sindicatos da mesma forma que os socialistas parlamentares governam os grupos políticos”; mas essas objeções, ele diz, são válidas apenas em parte: os conselhos federais são, no próprio espírito dos sindicatos, apenas instituições transitórias e, além disso, os grupos dos quais eles emanam os observam com um olhar muito invejoso para que eles consigam conquistar uma autoridade dirigente. “Por outro lado, a revogabilidade permanente dos funcionários públicos reduz sua função e sua pessoa a muito pouco” (As coisas mudaram muito desde a época de Pelloutier...). Por fim, o sindicalismo “ainda está em estado embrionário”, é como uma criança dando os primeiros passos e “tropeçando no caminho da independência”: E é justamente para levar o sindicalismo à independência que “os socialistas libertários devem dedicar seus esforços”.

Este documento de Fernand Pelloutier merece várias observações.

- Foi escrito um mês após a fundação da CGT (23 de setembro de 1895). Mas naquela época, a CGT era apenas uma pequena organização, com números reduzidos, mal estruturada e extremamente frágil. Além disso, ativistas e líderes da Federação de Bolsas eram muito relutantes em relação a essa organização. Durante vários anos, eles mostrarão oposição aberta à nova CGT. Foi somente em 1902, quando as duas federações se fundiram para formar uma Confederação, que a CGT pôde ser considerada verdadeiramente formada. Mas, naquela data, Pelloutier havia acabado de morrer.

- Em 1895, sabemos que muitos anarquistas já estavam ativos no movimento sindical. Os anarquistas estão nas bolsas de trabalho, cuja estrutura se adapta muito bem ao seu tipo de atividade: as bolsas de trabalho são percebidas como uma forma global de organização, que integra atividades de solidariedade, fundos de doença, fundos de desemprego, fundos de morte, bibliotecas, aulas noturnas, etc. É literalmente “propaganda por ação” no sentido que a AIT e Bakunin entendeu inicialmente, antes do termo ser mal utilizado. É, de certa forma, sindicalismo integral.

Alguém pode se perguntar quais anarquistas Pelloutier está convidando para se juntar ao movimento sindical?

O movimento sindical, com ou sem anarquistas, havia desenvolvido temas libertários por conta própria, cuja herança, consciente ou não, remontava à Associação Internacional dos Trabalhadores antiautoritária. Assim, Pelloutier nos conta em seu artigo, como se quisesse convencer os anarquistas que ainda não estão na CGT, que o Comitê Federal das Bolsas de Trabalho de Narbonne havia publicado atas oficiais declarando que a missão das Bolsas de Trabalho era “instruir o proletariado sobre a inutilidade de uma revolução que se contentaria em substituir um Estado por outro, mesmo que fosse um Estado socialista”. Este comitê, diz outro relatório a ser publicado no *Boletim da Bolsa de Valores de*

Perpignan, “deve esforçar-se por preparar uma organização que, em caso de transformação social, possa assegurar funcionamento econômico por meio de agrupamento livre e tornando supérflua qualquer instituição política. Seu objetivo é a supressão da autoridade em todas as suas formas; sua tarefa é acostumar os trabalhadores a se libertarem da supervisão.”

Tais posições estavam longe de ser isoladas. A mesma linguagem pode ser encontrada em inúmeros relatórios de congressos de bolsas de trabalho em toda a França.

Pelloutier tentou, de forma quase patética, convencer os anarquistas de que eles tinham um lugar na CGT:

“Assim, por um lado, os ‘sindicalizados’ estão hoje em condições de ouvir, estudar e receber doutrinas libertárias; Por outro lado, os anarquistas não precisam temer, ao participar do movimento corporativo, serem obrigados a abdicar de sua independência.”⁸

Esta última observação é realmente estupenda. Pelloutier está dizendo aos anarquistas:

- Por um lado: venha aos sindicatos, eles estão esperando por você, um lugar agradável e aconchegante espera por você, os membros do sindicato estão dispostos a ouvi-lo, você não terá que fazer muito esforço.
- E por outro lado, ele lhes diz: vocês podem vir aos sindicatos sem sujar as mãos, vocês não colocarão em questão seus grandes princípios, seu ser interior não será afetado.

Os relatórios das bolsas de trabalho citados por Pelloutier mostram que os temas libertários permearam o movimento dos trabalhadores franceses, mas claramente sem que os anarquistas necessariamente tivessem muito a ver com isso, já que Pelloutier foi forçado a convidá-los a investir no movimento sindical! Teria havido, portanto, um anarquismo descoberto espontaneamente pelos trabalhadores, por canais talvez provenientes da memória da Primeira Internacional, e um anarquismo teórico, intelectual, específico de grupos específicos, separados da classe trabalhadora.

Pelloutier nos revela que havia no movimento anarquista específico da época militantes que simplesmente não consideravam que a existência de uma organização de classe do proletariado pudesse ter algum interesse do ponto de vista de uma possível estratégia libertária. Entretanto, essa organização de classe apresentava características claramente libertárias em seu modo de organização e em seu projeto. Era, portanto, necessário que um homem como Pelloutier lhes explicasse que os membros desta organização de classe estavam prontos para

8 Pelloutier, “Anarquismo e sindicatos operários”.

ouvi-los (*ou seja, que a maior parte do trabalho já havia sido feito*) e que, ao se juntarem a esta organização, os anarquistas se sentiriam em casa e que não teriam que “abdicar de sua independência”...

Período crucial

Entre 1890 e 1900, vivemos um período crucial. Desde 1892, os sindicatos vêm se tornando mais radicais. A ideia de uma greve geral atraiu cada vez mais os ativistas operários e se espalhou até mesmo para a Federação Nacional dos Sindicatos, o reduto guesdista até então oposto à greve geral. O congresso sindical de Nantes em 1894, organizado conjuntamente pelos sindicatos e pelas bolsas de trabalho, resultou em um amargo fracasso para os guesdistas e na adoção de uma moção a favor da greve geral, ao qual eles se opuseram. Fernand Pelloutier, que se tornou o símbolo da luta contra o Guesdismo, foi eleito no congresso de Nîmes em junho 1895, secretário da Federação das Bolsas de Valores e tornou-se a força motriz por trás de uma verdadeira ofensiva contra o reformismo : além do partido allemanista, havia, ele escreveu, “a maioria das organizações operárias, cerca de mil sindicatos, quase todas as Bolsas de Trabalho, exceto cerca de dez, e a maioria das federações nacionais, as das ferrovias, construção, metalurgia, fabricantes de vidro, etc.” E ao lado do partido allemanista⁹ e das organizações sindicais, “agora libertos do jugo marxista, aqui está o elemento comunista libertário, cuja ambição hoje é (e, aliás, sempre deveria ter sido) continuar o trabalho de Bakunin e dedicar-se à educação dos sindicatos.”¹⁰

Não há dúvida de que Pelloutier era um anarquista, mas não se pode negar seu status de sindicalista revolucionário, como atestam suas ações nas Bourses du travail e seus escritos.

A hostilidade à social-democracia não foi suficiente para recompor o movimento revolucionário e unir anarquistas e socialistas de esquerda. A recomposição desejada por alguns anarquistas fracassou na questão da participação nas eleições e do Estado. Também é uma constante que quando grupos de socialistas opositores deixam a “casa-mãe” social-democrata para frequentar os anarquistas, eles rapidamente acabam retornando para casa. É o apelo da estratégia eleitoral ou a decepção de ter visto os anarquistas muito de perto? Provavelmente um pouco dos dois. Os opositores da política social-

9 Após Jean Allemane (1843-1935), vétéran de la Commune, Allemane desempenhou um papel importante no emergente movimento sindicalista francês e enfatizou a necessidade de os trabalhadores formarem suas próprias organizações, independentemente dos radicais burgueses. Em termos sindicais, os Allemanistas estavam próximos dos anarquistas (antiparlamentarismo, greve geral), a ponto de Pelloutier considerar o partido Allemanista, por um tempo, como o “berçário do anarquismo”, já que muitos Allemanistas se converteram ao anarquismo.

10 Fernand Pelloutier, “La situation actuelle du socialisme”, *Les Temps nouveaux* n° 10, 6-12 juillet 1895. http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/pelloutier_-_la_situation_actuelle_du_socialisme.pdf

democrata dentro das fileiras desta última sempre acabam considerando que mantêm mais afinidades com a “casa mãe” do que com a corrente anarquista. O mesmo fenômeno de atração-repulsão será observado em 1906-1911 com os apoiadores de Gustave Hervé e em 1935-1939 com os de Marceau Pivert.

Mas para os promotores da reaproximação, nem tudo está perdido. Se o partido de Jean Allemane – o Partido Operário Socialista Revolucionário (POSR) – está em declínio, seu legado permanecerá na ideia de uma greve geral. Muito presentes nas bolsas de trabalho, os anarquistas estão se fortalecendo na CGT, já que as duas organizações ainda não se fundiram. Émile Pouget, secretário adjunto da CGT, foi encarregado de criar um semanário confederal, *La Voix du peuple*. Ele se dedicará inteiramente a esse trabalho. De certa forma, os anarquistas não perderam: contra um reagrupamento com a esquerda socialista, heterogêneos e pouco viáveis, eles negociaram um fortalecimento de suas posições na CGT, à qual farão desempenhar o papel de grande “partido dos trabalhadores”, como dirá Pouget, como alternativa ao socialismo parlamentar e de Estado.

Sindicalismo revolucionário e anarcossindicalismo: uma gênese conflituosa

Edilene Toledo está absolutamente certa sobre o uso do termo “anarcossindicalista” e seus derivados. Ela está certa ao dizer que a relação entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo é complicada, e que um não pode ser equiparado ao outro. O que ela diz sobre o Brasil também se aplica à França, onde alguns autores tendem a “associar todo o movimento operário (...) ao anarquismo” e a “integrar o sindicalismo revolucionário ao anarquismo, sob o nome de anarcossindicalismo”. E ela também tem razão ao dizer que “esses são movimentos diferentes”¹¹.

Dizer que “muitos anarquistas decidiram participar do movimento sindical, inspirando-se no sindicalismo revolucionário”¹² é indubitavelmente verdade, desde que não negligenciemos o papel considerável desempenhado pelos anarquistas, “na fonte”, na formação do movimento sindicalista revolucionário. Eu não diria que “muitos anarquistas decidiram participar do movimento sindical inspirando-se no sindicalismo revolucionário”; eu diria: “Muitos anarquistas, ao participarem do movimento sindical, contribuíram para formar o sindicalismo revolucionário”. A fórmula me parece historicamente mais precisa.

Os anarquistas não apenas “participaram” do movimento sindical, eles foram um elemento essencial na fundação do movimento sindicalista revolucionário. Mas a questão é mais complicada do que isso. A participação dos anarquistas no movimento sindical não foi uniforme em termos de tempo e motivações. Alguns participaram muito cedo, como Émile Pouget, a partir de 1878. Naquela época,

11 Toledo, *op. cit.* págs. 48-49.

12 “Muitos anarquistas também decidiram participar do movimento sindical, inspirando-se através do sindicalismo revolucionário.”

ainda não falávamos de sindicalismo revolucionário.

Para esses ativistas, a participação dos anarquistas no movimento sindical era evidente : eles poderiam ser chamados de “primeira onda”. Mas essa não era a posição da maioria do movimento anarquista, que era então claramente antissindical. De fato, uma parcela significativa de anarquistas se opunha ao princípio da organização, seja porque eram insurrecionistas, seja porque eram individualistas, ou ambos. Mas é errado dizer que eles foram “*inspirados* pelo sindicalismo revolucionário” que os levou a participar do movimento sindical, porque houve uma terceira “onda” de anarquistas se juntando ao sindicalismo porque eles tinham visto o fracasso catastrófico da prática de ataques e tinham percebido que o sindicato era a única maneira de se conectar com a classe trabalhadora. Foi, de certa forma, uma adesão oportunista. Esses ativistas às vezes eram até muito céticos em relação ao movimento sindical e só tentavam usá-lo para propaganda anarquista. Outra razão para a adesão dos anarquistas ao sindicalismo foi o desejo de se opor à atividade dos socialistas, que eram descritos como “autoritários” – fenômeno também observado no Brasil.

Penso que foi a partir da experiência da sua atuação nas Bolsas de Trabalho que o sindicalismo revolucionário começou a aparecer, mas os anarquistas não estavam sozinhos nas bolsas, havia outras correntes socialistas. O sindicalismo revolucionário é, de certa forma, a síntese das práticas de diversas correntes, entre as quais – é inegável – o anarquismo tem tido um papel preponderante.

A confusão entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo é antiga e profundamente enraizada, mesmo na CGT na França. Essa confusão é lamentável porque, como acontece frequentemente quando as palavras não são usadas em seu significado preciso, ela cria mal-entendidos. Neste caso específico, houve um mal-entendido sobre as questões que cercaram a cisão na CGT que formou a CGTU em 1921 (U de “unitário”, um adjetivo frequentemente usado em cisão...) e sobre os conflitos que colocaram os sindicalistas revolucionários uns contra os outros na CGTU.

Porque na França, na década de 1920, houve uma verdadeira cisão dentro do movimento sindicalista revolucionário : duas visões estratégicas muito diferentes se chocaram, personificadas por dois ativistas conhecidos : Pierre Monatte, ex-anarquista, um dos protagonistas do congresso anarquista internacional de Amsterdã em 1907, e Pierre Besnard, anarquista e sindicalista revolucionário. Este confronto teve consequências catastróficas, pois enfraqueceu uma corrente que era *majoritária* e abriu as portas ao partido comunista. EU

Foi aqui que nasceu o anarco-sindicalismo.¹³ O anarcossindicalismo é aquela

13 Na verdade é mais complicado do que isso. A palavra é encontrada na França na imprensa burguesa na virada dos séculos XIX e XX, mas apenas na forma “anarcossindicalista”, nunca na forma “anarcossindicalismo”. Em outras palavras, a palavra é usada para designar indivíduos, nunca um movimento. “anarcho-sindicalista” é usado alternadamente com dois outros sinônimos: “anarquista-sindicalista” e “sindicalo-anarquista”. Veja meu estudo : “Sobre a origem do anarco-

parte do movimento sindicalista revolucionário que acabou, no início da década de 1920, refutando a Carta de Amiens e a noção de “neutralidade” sindical em relação aos partidos, a fim de afirmar sua oposição aos partidos. Mas por cerca de dez anos, o anarco-sindicalismo existiu de fato, mas não designava um movimento. O termo “anarcossindicalismo” permaneceu por muito tempo como um termo pejorativo para designar aqueles sindicalistas revolucionários que recusavam a filiação da CGTU à Internacional Sindical Vermelha. O discurso de Lozovsky no congresso de fundação da CGTU é extremamente explícito ¹⁴.

A. Lozovsky era o presidente da Internacional Sindical Vermelha, a ala sindical da Internacional Comunista. Ele fez um discurso no congresso de fundação da CGTU. Neste momento, estamos em um período de reorientação da política do poder bolchevique. Este último observou que a revolução que começou na Rússia não se espalharia para a Europa e que a revolução alemã estava ficando atolada. Alguns “partidos comunistas” foram formados, mas eles permanecem confidenciais, separados da massa do proletariado. A política da Internacional Comunista consistirá, portanto, em atrair para si os militantes sindicalistas revolucionários mais experientes e amadurecidos, aqueles que estão no movimento sindical revolucionário, e em promover a unidade sindical para manter organizações com grande número nas quais a Internacional Comunista poderá fazer propaganda e desenvolver seu ponto de vista: esta é a política da “frente única”.

O nível de conexão explícita e consciente?

O anarcossindicalismo é definido, segundo Schmidt-van der Walt (e Corrêa), pelo nível de vínculo explícito e consciente entre sindicalismo e anarquismo¹⁵: “Anarco-sindicalismo é um termo bastante reservado para o sindicalismo ¹⁶que é aberta e conscientemente anarquista em suas origens, orientação e objetivos”; e é isso que o diferenciaria do sindicalismo revolucionário. É, portanto, uma forma de sindicalismo revolucionário cujas origens, orientações e objetivos seriam conscientemente anarquistas. O exemplo clássico, segundo os autores, seria a CNT espanhola, que tem suas raízes na seção espanhola da AIT e nas ideias de Bakunin.

Esta é uma visão a-histórica que não leva em conta a gênese histórica do

sindicalismo”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 603>.

14 Cf. discurso de Lozovski [http://monde-nouveau.net/ecriture/ ? exec=artigo&id_artigo=353](http://monde-nouveau.net/ecriture/?exec=artigo&id_artigo=353).

15 Michael Schmidt e Lucien van der Walt. *Op. cit.* pág. 16: “Anarcossindicalismo é um termo mais bem reservado para o sindicalismo revolucionário que é aberta e conscientemente anarquista em suas origens, orientação e objetivos.”

“...o nível de integração explícita e consciente do sindicalismo e do anarquismo – essa é a diferença entre o sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo.” F. Corrêa, *op.cit.* pág. 82. Veja também p. 86.

16 O termo em inglês usado é “sindicalismo revolucionário”.

sindicalismo revolucionário e do anarquismo na França e na Espanha. Se é verdade que a CNT é formalmente herdeira da federação espanhola da AIT inspirada em Bakunin, e se podemos considerar, com James Guillaume, que a CGT foi, de certa forma, herdeira da Federação do Jura, resta saber que em ambos os países houve uma longa “atravessando o deserto” de pelo menos uma geração durante a qual a corrente sindicalista do movimento libertário teve que sofrer terríveis ataques da corrente anarcocomunista insurrecionalista. Acho útil lembrar mais uma vez que entre o fim da AIT espanhola e a criação da CNT houve um longo rompimento antissindical. Este é obviamente um fato que muitos anarquistas ignoram porque não se encaixa em sua visão idílica das coisas. E isso não se encaixa com a tese de *Black Flame*.

Quando foi fundada em 1910, a CNT afirmava ser sindicalista revolucionária. Foi somente em 1919 que um congresso decidiu reconhecer o comunismo libertário como uma meta. Cesar M. Lorenzo nos diz que “o termo anarco-sindicalismo não seria comumente usado até 1920, quando a CNT conseguiu fazer um avanço entre as massas” – o que sugere que este não era o caso antes.¹⁷

A distinção entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo não tem nada a ver com o caráter mais ou menos radical de uma ou outra corrente, nem com a referência mais ou menos explícita ao anarquismo. O critério que diferencia as duas correntes não é a maior ou menor e mais explícita relação com o anarquismo; o critério de diferenciação é histórico, ou mesmo, eu diria, cronológico.

O anarcossindicalismo como movimento surgiu na década de 1920 a partir da recusa de uma parte da corrente revolucionária em endossar e aderir à Internacional Comunista. A dificuldade reside no fato de que o termo “anarcossindicalismo” inicialmente tinha uma conotação pejorativa, designando sindicalistas revolucionários e sindicalistas anarquistas céticos em relação à propaganda dos comunistas russos. A conexão com o anarquismo neste caso pode ser estabelecida pelo fato de que os militantes revolucionários que, na França, se recusaram a apoiar o regime bolchevique e a participar das instituições internacionais que ele havia criado, eram, em sua maioria, do movimento anarquista.

Se o termo “anarcossindicalismo” foi usado de forma pejorativa na década de 1920 por comunistas e socialistas, ele também foi usado por sindicalistas revolucionários pró-Moscou : Pierre Monatte, que era a favor da adesão da CGTU¹⁸ à Internacional Sindical Vermelha, conta que essa expressão foi “usada para fins polêmicos pela social-democracia, de direita e de esquerda, pelos social-democratas alemães e também pelos bolcheviques”.¹⁹ Mas ele esquece de

17 C.M. Lorenzo, *O Movimento Anarquista na Espanha*, Les Éditions libertaires, p. 56.

18 Ele não era membro de nenhum, pois seu sindicato não havia se dividido!

19 Pierre Monatte, “Souvenirs”, *Boletim Trimestral do Instituto Francês de História Social*, Outubro de 1956, n.º 16. Ver também : <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5621224d/texteBrut>

especificar que esse termo era usado polemicamente *pelos* sindicalistas revolucionários pró-comunistas dos quais ele próprio fazia parte na época. Se até por volta de 1920 o sindicalismo revolucionário era a referência para muitas organizações, houve uma verdadeira fratura a partir da criação da Internacional Comunista e da Internacional Sindical Vermelha, e é dessa fratura que nasce o anarco-sindicalismo.

Eu resumo :

(a) Diferentes correntes da classe trabalhadora se destacam do socialismo parlamentar, incluindo socialistas dissidentes (allemanistas) e anarquistas. Estes últimos foram a força motriz por trás das bolsas de trabalho, que foram fundidas em 1892.

b) O sindicalismo revolucionário surgiu por volta de 1895-1900, primeiro como prática, depois com um nome explícito, em 1902 no congresso de Montpellier da CGT ²⁰.

c) Por volta de 1908-1909, uma tendência “revisonista” surgiu dentro do movimento sindicalista revolucionário, visando rever práticas para adaptá-las aos desenvolvimentos do capitalismo (com Monatte e *La Vie ouvrière*) e uma tendência “ortodoxa” que se ateu às práticas iniciais do movimento.

e) Após um período de eclipse devido à guerra, o sindicalismo revolucionário emergiu das cinzas e se entusiasmou com a revolução russa.

e) Por volta de 1920, o movimento sindicalista revolucionário estava dividido sobre a questão do apoio à Revolução Russa. Parte do movimento, com Pierre Monatte, defendia a adesão à Internacional Sindical Vermelha, fundada por iniciativa do governo soviético, enquanto a outra parte, com Pierre Besnard, se recusava a aderir para não endossar um regime repressivo contra a classe trabalhadora. Essa situação fornece um interessante alimento para reflexão sobre a ideia apresentada por *Black Flame* de que o sindicalismo é uma “estratégia” do anarquismo:

- No final da guerra, a CGT foi reconstituída, dominada pelos reformistas, mas na qual havia um número bastante grande de militantes sindicais anarquistas e revolucionários.

- Então, uma forte minoria revolucionária se dividiu para formar a CGTU (“U” de unitário...), na qual anarquistas, sindicalistas revolucionários contrários ao apoio a Moscou, sindicalistas revolucionários favoráveis a Moscou e comunistas coexistiram por um curto período .

- No entanto, muitos anarquistas na CGT não aprovaram essa cisão e, em seus sindicatos, votaram contra ela ²¹. Além disso, nos sindicatos que não se dividiram também havia muitos anarquistas: foi o caso de

20 Consegui rastrear o termo até 1902, mas isso não descarta que a palavra possa ter surgido antes.

Pierre Monatte, que era a favor de ingressar na Internacional Sindical Vermelha, mas que estava em um sindicato que não era membro da CGTU.

Se tomarmos o ponto de vista da *Chama Negra*, a questão é: qual estratégia sindical para qual anarquismo? Porque o sindicalismo revolucionário não busca reivindicar uma referência mais ou menos histórica ao anarquismo; Estamos lidando com uma parte dos sindicalistas revolucionários que estão migrando para o comunismo, outra que está recusando essa mudança:

f) A corrente que se opunha à adesão à Internacional Sindical Vermelha se autodefinia como “sindicalista revolucionária”.

g) A criação da AIT de Berlim em 1922 foi feita com referência ao sindicalismo revolucionário : é a isto que se refere o seu texto fundador ; o termo “anarcossindicalismo” não aparece ali. No entanto, é de fato o anarco-sindicalismo que está em jogo. De fato, diferentemente do sindicalismo revolucionário de 1906, que reivindicava o princípio da “neutralidade” sindical em relação aos partidos, o que caracterizou o sindicalismo revolucionário que se tornou anarco-sindicalismo foi sua *oposição* aos partidos políticos.

h) Durante um período “transicional”, o anarco-sindicalismo existirá de fato na prática. Ela não é definida, ao contrário das afirmações fantasiosas de Schmidt e van der Walt, pelo fato de se referir “explicitamente” ao anarquismo, mas pelo fato de se distanciar categoricamente daquela fração da corrente revolucionária que defende a filiação à Internacional Sindical Vermelha.

i) O nascimento efetivo do anarco-sindicalismo pode ser considerado datado da criação da AIT em Berlim, e seu ato de “batismo” na Europa Ocidental é o relatório feito por Pierre Besnard, secretário da AIT, ao Congresso Anarquista Internacional de 1937.

Alexander Shapiro, que escreveu um prefácio para este relatório, reconhece a “paternidade” do anarco-sindicalismo para os militantes russos : “Quando, há cerca de meio século, os anarquistas russos foram os primeiros a levantar a bandeira do anarco-sindicalismo, essa palavra foi recebida com bastante frieza pelo movimento anarquista”, diz ele. Shapiro acrescenta: “E em 1917, no dia seguinte à queda do czarismo, que também foi a véspera da Revolução de Outubro, os anarquistas comunistas estavam excessivamente reservados, até mesmo hostis, em relação a essa nova formação anarquista.”²² Isso não coincide particularmente com o esquema apresentado pelos autores do Black Flame.

21 Por exemplo, o sindicato de Monatte, que incluía muitos anarquistas, votou contra a cisão, o que significou que ele permaneceu na histórica CGT e que Monatte se viu na situação paradoxal de não poder votar para ser membro da ISR, já que seu sindicato não estava na CGTU!

22 http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/rapport_de_pierre_besnard_1937.pdf

Schmidt e van der Walt nos dizem que o “Sindicalismo Revolucionário” é “um termo bastante reservado para a variante do sindicalismo que, por várias razões, não se vincula explicitamente à tradição anarquista e não percebe, ignora ou minimiza suas origens anarquistas”.²³ Seria característico do sindicalismo revolucionário negar sua conexão com qualquer filosofia ou grupo político: ele afirma ser “apolítico”. A CGT francesa desde 1895 foi designada como “o exemplo clássico do sindicato revolucionário que minimiza seus vínculos com o anarquismo”.²⁴

Esta é uma ilustração perfeita do modo de raciocínio a-histórico dos autores de *Black Flame*. Os fatos são mais complexos e sua simplificação caricatural não ajuda a entendê-los. A CGT como tal *nunca* afirmou ser anarquista. Dizer tal coisa é não entender nada sobre o movimento dos trabalhadores franceses. De fato, quer lamentemos ou não, a classe trabalhadora organizada na França sempre foi movida pelo desejo ardente de unidade: uma classe trabalhadora, uma organização sindical. Os anarquistas que atuavam na CGT compartilhavam totalmente dessa ideia. A CGT nunca “minimizou” portanto seus vínculos com o anarquismo; simplesmente aconteceu que, através do jogo de renovações de mandatos eletivos na confederação e da adesão de numerosas novas federações reformistas, a corrente anarquista se viu de fato “minimizada”.

Os militantes anarquistas da CGT se encontravam exatamente na situação descrita por Schmidt e van der Walt: “Não estava claro como o sindicalismo se defenderia contra tendências políticas rivais dentro do sindicato.” Afinal, os trabalhadores se filiam aos sindicatos principalmente em prol de “melhorias nas condições de trabalho”. Eles podem se filiar a um sindicato revolucionário simplesmente porque é o único disponível ou o mais eficaz em um determinado local de trabalho. É inevitável que um sindicato revolucionário conte com a adesão de elementos que não compartilham seu ponto de vista oficial. A criação de um sindicato revolucionário de massas inevitavelmente levanta a questão de qual a melhor forma de defender o projeto revolucionário ao qual o sindicato aspira.

Ligar mecanicamente a fundação do sindicalismo revolucionário à fundação da CGT em 1895, como faz Toledo, é, portanto, um erro. Naquela época, a nova organização era muito fraca, pequena em número, pouco ativa, sem nenhuma estrutura real e ainda contaminada pela influência guesdista da Federação Nacional dos Sindicatos. Na sua fundação, “a CGT parecia natimorta”, escreve Jacques Julliard,²⁵ que acrescenta que, no dia seguinte ao seu congresso de fundação em Limoges, “não foi sem dificuldade que a CGT conseguiu constituir o embrião de uma organização”! Estamos longe da mitologia do sindicalismo revolucionário normalmente veiculada em textos que pretendem sustentar esta ou

23 Michael Schmidt e Lucien van der Walt. *Op. cit.*, pág. 142.

24 *Idem.*

25 Em: J. Julliard, *Fernand Pelloutier e as origens do sindicalismo*, Le Seuil 1971.

aquela tese.

A Federação das Bolsas de Trabalho era muito mais poderosa, sua equipe era relativamente grande, era bem administrada e melhor organizada. *Era aqui que os anarquistas estavam.* Mas os ativistas da Federação das Bolsas de Trabalho, anarquistas na vanguarda, se opuseram à fundação da CGT!!! Jacques Julliard se refere a uma “guerra de guerrilha travada de 1895 a 1901 por Pelloutier contra a CGT”: Pelloutier considerou que a CGT era “sem objetivo”. Se em 1895 há textos que desenvolvem as ideias-chave do sindicalismo revolucionário, mesmo sem nomeá-lo, não é na CGT que os encontraremos, é nas bolsas de trabalho.

Especialmente envolvidos nas bolsas de trabalho, os anarquistas seriam muito relutantes em relação à unificação da CGT com a Federação Nacional de Bolsas, decidida em 1902. A Federação de Bolsas não queria perder sua autonomia e só aceitou a ideia de uma confederação (em outras palavras, uma federação de federações) na medida em que seu “objetivo era apenas decidir sobre fatos de interesse geral que dizem respeito ao movimento dos trabalhadores uma tática comum [...], a realização dessa tática permanecendo sob o cuidado e a responsabilidade das federações membros às quais ela diz respeito”.²⁶ Em outras palavras, a Federação de Bolsas quer interferir o mínimo possível nos assuntos dos sindicatos. Vemos que estamos muito distantes de uma visão mítica do movimento operário, em particular das esquematizações de *Chama Negra* e dos desenvolvimentos dos dois autores sobre o sindicalismo como “estratégia” do anarquismo.

Considero que de 1892 a 1902, o movimento operário organizado na França não foi definido pelo sindicalismo revolucionário, mas pelo anarquismo. Este é o período *anarquista* na história do movimento operário, um período em que a forma dominante de organização é a *bolsa de trabalho*.

Os ativistas das Bolsas do Trabalho terão razão em estar relutantes. Na teoria da organização de Bakunin, essas estruturas geográficas (horizontais), que o revolucionário russo chama de “seções centrais”, são vitais para manter o caráter revolucionário da organização de massas porque são, por definição, estruturas políticas dentro das quais o verdadeiro pensamento estratégico geral ocorre. Bakunin alertará os ativistas de que eles *nunca devem* ser reprimidos.

As bolsas de trabalho não desaparecerão, mas sua importância gradualmente se tornará menos importante do que a das estruturas verticais e industriais da organização. Sendo estruturas cujo campo de intervenção é “horizontal”, geográfico, ou seja, eminentemente político, a importância das bolsas de trabalho será progressivamente contestada pelos partidos políticos que as veem como concorrentes. Podemos medir legitimamente o declínio do sindicalismo revolucionário observando o declínio do papel das bolsas de trabalho. Se o princípio básico do sindicalismo

Um dos fundamentos do sindicalismo revolucionário (e do anarco-

26 6º Congresso Nacional das Bolsas de Trabalho, Toulouse, 15, 16, 17 e 18 de setembro de 1897, Toulouse: tipografia Berthoumieu, 1897, p. 50.

sindicalismo) é que a organização sindical, hoje órgão de resistência e luta, amanhã será a ferramenta para a construção de uma sociedade emancipada. Mas o outro fundamento é que a atividade de resistência e luta do sindicato na empresa e no ramo da indústria é duplicada pela atividade de luta e resistência na localidade, na região, graças ao que Bakunin chamou de “seções centrais”, ou mais tarde “bolsas de trabalho”, ou “soviets” na Rússia em 1917: estruturas geográficas complementares às estruturas industriais. É essa estruturação dual que constitui a organização federalista descrita por Bakunin.

A CNT espanhola atribuía grande importância a essas estruturas geográficas, a esses sindicatos locais; Foi por meio deles que se formaram ateneus, bibliotecas e escolas libertárias, todas essas instâncias que se enquadravam na categoria de “propaganda pela ação”, no sentido original e construtivo do termo.

A Carta de Amiens

A resolução votada no congresso de Amiens em 1906, que mais tarde seria chamada de “carta de Amiens”, é considerada a declaração típica da doutrina sindicalista revolucionária. Não compartilho dessa opinião.

Uma leitura completa do relatório sobre o trabalho em Amiens mostra uma realidade muito distante do mito que dela se fez, mas ao mesmo tempo uma realidade muito mais comovente ²⁷. Vemos uma corrente sindical revolucionária, certamente ainda poderosa, mas acuada, na defensiva diante de representantes de poderosas federações reformistas, e que defende suas posições passo a passo. A realidade que percebemos não é a do mito que foi construído após o fato. Vemos que a oposição à política confederal (isto é, sindicalista revolucionária) é extremamente vigorosa, que os golpes desferidos são, às vezes, bem baixos. Os sindicalistas revolucionários estão lidando com uma tarefa difícil; Eles são seguidos de perto e perseguidos pelos Guesdistas e pelos socialistas reformistas, cujas forças estão longe de ser insignificantes, e eles devem se defender centímetro por centímetro. A votação da famosa “Carta de Amiens” por uma *esmagadora* maioria de delegados – 834 votos a favor, 8 contra e 1 em branco – revela por si só a extensão das concessões que tiveram de ser feitas aos reformistas: os anarquistas também votaram a favor. Na verdade, a resolução de Amiens não diz nada sobre a luta contra o Estado, contra o exército, contra o parlamento. As atas do congresso mostram uma ofensiva em larga escala dos reformistas contra o suposto descumprimento da regra de “neutralidade” pela liderança confederal e contra a adoção de posições “políticas”. A propaganda anti-eleitoral é, portanto, violentamente atacada, porque é considerada uma posição política e choca as convicções dos membros que confiam nos partidos políticos.

A resolução de Amiens é geralmente apresentada como um compromisso entre a corrente revolucionária e uma fração da corrente reformista para bloquear os guesdistas, cujo objetivo era a submissão do sindicato ao partido socialista.

27 http://www.ihs.cgt.fr/IMG/pdf_12_-_1906_-_Congres_Amiens.pdf

Entretanto, de fato, a “Carta de Amiens” consagrou a divisão do trabalho entre partido e sindicato, o que satisfiz tanto os guesdistas quanto os socialistas reformistas.

A votação desta resolução ocorre em um contexto defensivo para os sindicalistas revolucionários e anarquistas da CGT. Embora o sindicalismo revolucionário tenha permanecido poderoso em 1906 e nos anos seguintes, ele estava recuando diante da ascensão da corrente reformista. Além disso, greves muito duras enfraqueceram a liderança confederada. Houve uma greve terrível em 1908-1909, seguida de provocações policiais, que resultaram na prisão de quase todo o escritório confederado da CGT. Os reformistas aproveitaram isso para preencher os cargos vagos. Essa repressão foi um duro golpe para a corrente sindicalista revolucionária. Novas federações, poderosas mas controladas pelos reformistas – Têxtil, Minas, Livro (Artes Gráficas) – juntaram-se à confederação, ajudando a reverter o equilíbrio de poder. Pouco a pouco, os mandatos dos sindicalistas revolucionários e dos anarquistas não foram renovados, e os militantes que os substituíram eram reformistas.

É preciso entender que, na mitologia do movimento operário francês, o princípio da unidade não era negociável. A ideia de uma divisão era inconcebível. A Carta de Amiens foi, portanto, um compromisso necessário para manter a unidade da confederação, ou seja, para evitar uma cisão. Cedemos em vários pontos : críticas ao Estado, ao Parlamento, ao exército. A votação majoritária esmagadora na resolução de Amiens foi claramente vista como uma derrota para os anarquistas. A Carta de Amiens deve, portanto, ser considerada como o que é: um texto de compromisso, um mal menor, *em nenhum caso um manifesto sindicalista revolucionário*. Pelo contrário, é um sintoma do declínio do sindicalismo revolucionário.

Lembremos que os militantes que compunham o sindicalismo revolucionário não eram todos anarquistas : havia socialistas, blanquistas. Que os anarquistas foram um elemento determinante é certo, mas não podemos esquecer que o sindicalismo revolucionário já existia, se não como um movimento explicitamente reivindicado, pelo menos como uma prática, quando Fernand Pelloutier publicou seu artigo “Anarquismo e sindicatos operários” em 20 de outubro de 1895.²⁸ que na verdade estabeleceu os princípios do sindicalismo revolucionário e convocou os anarquistas a se envolverem no movimento sindical. Sabendo que a CGT havia sido fundada um mês antes, que Pelloutier havia sido eleito secretário da Federação Nacional das Bolsas de Trabalho quatro meses antes e que os ativistas das Bolsas eram hostis à CGT, é fácil adivinhar onde Pelloutier queria que os anarquistas se envolvessem. De fato, *podemos dizer que a gestação do sindicalismo revolucionário se deu incontestavelmente no seio da Federação Nacional das Bolsas de Trabalho*.

Em vez de mitificar o papel dos anarquistas na corrente sindicalista

28 <http://monde-nouveau.net/spip.php?article17>

revolucionária, seria mais preciso nos atermos aos fatos e fazer uma análise de classe da situação. Porque muitos anarquistas “específicos” – quero dizer aqueles que estavam em grupos anarquistas, *e não na CGT* – enchiam seus jornais com ataques à Confederação, acusavam a menor atividade de protesto de ser “reformista”, censuravam seus camaradas na CGT por “se perderem no sindicalismo”.²⁹ Todos esses ativistas teriam sido muito úteis (se fossem empregados e pudessem se filiar a um sindicato, isso é óbvio) para apoiar a luta dos sindicalistas anarquistas contra o reformismo, não usando a CGT como um simples terreno para propaganda anarquista, mas lutando no terreno, todos os dias, lado a lado com os sindicalistas e os trabalhadores em luta. Somente dessa forma eles poderiam ter conquistado um mínimo de credibilidade e sua propaganda anarquista poderia ter sido ouvida.

Pouco depois do congresso de Amiens, foram realizados dois congressos socialistas consecutivos, durante os quais é possível ler depoimentos *de extrema satisfação* dos líderes do partido. Podemos dizer que o Congresso de Amiens foi a aliança dos líderes da tendência “modernista” do sindicalismo revolucionário e dos reformistas contra os anarquistas?

Os delegados do congresso socialista estão extremamente satisfeitos com o congresso de Amiens. Édouard Vaillant (deputado socialista, ex-anarquista) declarou que o congresso de Amiens foi uma vitória sobre os *anarquistas*, e Victor Renard, guesdista e líder da poderosa Federação Têxtil CGT, triunfou dizendo que “os *anarquistas* que predominam na CGT concordaram em se amordaçar”.³⁰ Estamos falando de *anarquistas* aqui, não de sindicalistas revolucionários. Uma leitura atenta dos debates do congresso de Amiens mostra claramente que o inimigo dos reformistas são os *anarquistas*.

Édouard Vaillant, mais uma vez, declarou neste congresso socialista :

“Os membros da Confederação Geral do Trabalho mostraram, em Amiens, que sua concepção concordava com a nossa muito mais do que acreditávamos, e o Congresso de Amiens chegou a uma conclusão que nenhum de nós poderia esperar. Isso é tudo o que poderíamos esperar e a decisão de Amiens nos dá total satisfação.”³¹

Essas observações revelam, ao lado de uma corrente reformista na CGT (Victor Renard do Têxtil, Keufer do Livre e muitos outros), a presença de uma

29 Vamos relembra a frase de L. Merlino, que criticou os anarquistas por terem “se jogado de cabeça no movimento sindical”. L. Merlino, “Experiência Sindacalista”, em *Volontà*, 22 de junho de 1913.

30 Cf. “O anarcossindicalismo, o outro socialismo”, Jacky Toublet, Prefácio à *Confederação Geral do Trabalho* de Émile Pouget, Edições CNT Região de Paris, 1997.

31 Ata do congresso socialista de Limoges, novembro de 1906, pp. 94-95. Cf. <https://bataillesocialiste.files.wordpress.com/2008/07/congres1906o.pdf>

corrente *anarquista claramente forte*, mas que sofreu uma derrota no congresso de Amiens; e sabemos que dentro da corrente sindicalista revolucionária existia uma fração “modernista”, a de Monatte e de La *Vie Ouvrière*, que se opunha aos anarquistas. Pode-se supor que essa fração “modernista” provavelmente se aliou aos reformistas contra os anarquistas. Monatte desempenharia um papel fundamental na recusa da CGT em participar do congresso sindicalista revolucionário de 1913. Após a revolução russa, ele se oporia aos anarquistas que se recusaram a se juntar à Internacional Sindical Vermelha. Há uma consistência real nesta série de posições.

Se os ativistas e líderes do socialismo político puderam se alegrar que os anarquistas tivessem se deixado “amordaçar”, esses anarquistas tinham em mente não criar condições para uma cisão na organização sindical. Como ilustração, muitos anarquistas na CGT não aprovaram a cisão na CGTU ³², assim como não aprovaram a da CGT-SR em 1926. Portanto, pode-se dizer que a maioria dos sindicalistas anarquistas na CGT estava principalmente preocupada em não levá-la a uma cisão.

Sindicalismo revolucionário e anarquismo na CGT francesa

A questão da diferença entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo surge frequentemente em *Chama Negra* (e em Corrêa), mas cada vez é apenas uma repetição do argumento da referência explícita ou não explícita ao anarquismo. Não há nenhuma revisão histórica que explique como essa situação teria surgido. Schmidt e van der Walt parecem ter simplesmente *decidido* que era assim.

Edilene Toledo, em seu trabalho sobre o movimento operário em São Paulo durante a Segunda República, tem uma visão mais realista : segundo ela, anarco-sindicalismo é um “termo que na verdade será usado muito mais tarde”.³³ No que ela está absolutamente certa. Mas se Toledo introduz essa distinção, não é, como pensa Corrêa, para “*desmistificar* o uso dos termos ‘anarcossindicalismo’ ou ‘anarcossindicalista’” mas simplesmente para restabelecer um fato histórico. No Brasil, aparentemente, assim como na França, os termos “anarcossindicalismo” e “sindicalismo revolucionário” têm sido usados indiscriminadamente, sem levar em conta que correspondem a realidades históricas diferentes e *não são contemporâneos* entre si ³⁴.

Toledo quer, portanto, mostrar que não há anarco-sindicalismo no Brasil, o

32 Confederação Geral do Trabalho – Unitária. É uma constante na França que os separatistas adicionem “unitário” ao nome da organização da qual se separaram.

33 “Anarco-sindicalismo, um termo que na verdade vem sendo usado há muito mais tempo...” Edilene Toledo. *Op. cit.*, pág. 59.

34 “A motivação da própria Edilene para escrever seu livro foi desmistificar o uso dos termos ‘anarcossindicalismo’ — amplamente usado em referência ao sindicalismo revolucionário brasileiro — e ‘anarcossindicalistas’ — também amplamente usado em referência aos anarquistas que atacam nossos sindicatos.” (Corrêa, *op.cit.*)

que Corrêa não contesta, mas não pelas mesmas razões de Toledo; Este último quer distinguir o sindicalismo revolucionário do anarco-sindicalismo para estabelecer uma conexão entre o primeiro e o socialismo, enquanto Corrêa estabelece um elo de equivalência entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo.

O erro de Toledo, diz-nos Corrêa, é que

“Em vez de mostrar as relações, semelhanças e diferenças entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo, ela escolheu fazer outra coisa. A tese central de seu livro é uma tentativa de estabelecer que as diferenças entre anarquismo e sindicalismo revolucionário demonstram sua incompatibilidade e a distância que os separa.”³⁵

Nesse ponto, acho que Corrêa está certo. Se o sindicalismo revolucionário, na forma em que surgiu no final do século XIX e início do século XX, deve suas principais características ao movimento operário francês, ele não foi criado de maneira uniforme em todos os países. O sindicalismo revolucionário é um movimento proteico que se adaptou rapidamente aos diferentes contextos em que surgiu e me parece difícil defini-lo com a rigidez com que parece ser percebido por Schmidt-van der Walt.

O congresso anarquista internacional em Amsterdã, em 1907, despertou verdadeiro entusiasmo no movimento francês, e iniciativas foram tomadas para criar grupos. No norte da França, anarquistas de seis cidades industriais se reuniram em congresso em dezembro de 1907 e decidiram publicar um jornal, mas apenas um grupo se declarou a favor da criação de uma federação, e o conselho editorial do jornal foi descrito como “o bureau federativo de uma federação inexistente”, o que não revela um espírito particularmente encorajador.³⁶

No norte de Paris, uma federação foi criada em junho de 1908 reunindo 5 grupos e seções de sete cidades, mas em março de 1909 o grupo do 15º arrondissement de Paris fez um balanço : “Não foi possível criar um acordo entre os vários grupos.”³⁷

Em outras palavras, os grupos anarquistas franceses não conseguem se distanciar de uma perspectiva localista, ou mesmo de bairro. Imaginar que eles poderiam então desenvolver uma estratégia no movimento dos trabalhadores é

35 “Quando se trata de demonstrar as relações, semelhanças e diferenças entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo, ele prefere fazer outra coisa. Fez, na seção central de seu livro, tenta demonstrar as diferenças entre anarquismo e sindicalismo revolucionário, visando demonstrar a incompatibilidade e a distância entre eles.” (Corrêa, p. 82.)

36 Citado por Maitron, *O Movimento Anarquista na França*, t. Eu, Gallimard, p. 445-446.

37 Boletim da Internacional Anarquista nº 9-10, março de 1909, citado por Maitron, *Id.*, pág. 446.

impensável.

Amédée Dunois havia instado os anarquistas, antes do Congresso de Amsterdã de 1907, a se juntarem ao movimento sindical. O fracasso desse apelo levou-o a fazer uma observação terrível, durante o congresso, e mais tarde em 1908. Como relator da 4ª sessão, ele atacou violentamente os individualistas e os opositores de qualquer forma de organização, acusando os anarquistas de estarem isolados uns dos outros e, mais ainda, isolados da classe trabalhadora. Ao clamar constantemente pela reforma do indivíduo, eles são a expressão do individualismo burguês, diz Amédée Dunois... Não poderia ser mais claro. Podemos ver também que os anarquistas da época eram perfeitamente capazes de ter uma visão muito crítica do seu próprio movimento.

Imediatamente após o congresso, Dunois fez um inventário incrível em 1908, expondo as diferentes tendências do movimento anarquista :

“1) Anarquistas que criam grupos, mas que carecem de influência, cultura e – muitas vezes também – seriedade ;

“2) Anarquistas influentes, educados e honrados, que não querem ouvir falar de organização;

“3) Anarquistas sindicalistas para quem o grupo ideológico se tornou uma vã superfluidade (devo acrescentar que estou muito perto de compartilhar sua opinião?);

“4) Anarquistas filiados ao Partido Socialista e, ainda assim, fiéis ao espírito, se não às fórmulas, do anarquismo.

“Com tais elementos, não se faz uma organização anarquista.”³⁸

Essa é uma observação terrível. É obviamente difícil imaginar que tal movimento anarquista pudesse tomar o sindicalismo revolucionário como uma “estratégia”.

É interessante saber quais eram os planos de Dunois para o movimento anarquista antes de Amsterdã. De fato, ele depositou grandes esperanças na mobilização dos anarquistas para a luta sindical, aos quais atribuía um papel importante. Ele escreveu um artigo no qual disse :

“Mas não sentimos que na vanguarda do movimento operário — digo na vanguarda e não acima dele — há espaço para um movimento mais especificamente ideológico, para um ‘grupo de opinião’ constituído e ativo? Certamente, não há como questionar que alguém os conduza em direção a objetivos desconhecidos. O agrupamento em que estou pensando teria coisas melhores a fazer do que se estabelecer como um governo de classe: sua função não seria liderar o movimento

38 Boletim da Internacional Anarquista nº 8, dezembro de 1908, citado por Maitron, tI, pág. 446.

dos trabalhadores, mas entendê-lo, inspirá-lo e iluminar seu obscuro futuro.”

Dunois continuou:

“Não temos um movimento especificamente anarquista na França. [Eu enfatizo]. É para criá-lo que tantos esforços que são dispersos em outros lugares e muitas vezes desperdiçados ali, devem ser empregados com continuidade. Não é proibido esperar que o Congresso de Amsterdã dê o sinal de união para uma ação comum.”³⁹

Declarações extremamente claras sobre o papel da organização dual, idênticas às de Fabbri na Itália, e talvez seja por isso que Fabbri não deixou passar a oportunidade de publicar o artigo de Dunois no *Il Pensiero* em fevereiro seguinte⁴⁰. O artigo de Dunois também é um convite muito claro aos anarquistas para se juntarem à CGT, não para fazer propaganda anarquista “mecanicamente”, eu diria, mas para se investirem ativamente como uma minoria revolucionária organizada. Em suma, *Dunois convida os anarquistas a se juntarem à organização de classe para que possam assumir as tarefas da Aliança Bakuniniana*, algo que eles eram totalmente incapazes não apenas de fazer, mas até mesmo de considerar.

E é extremamente significativo que isso tenha acontecido *exatamente no mesmo momento* em que o movimento anarquista espanhol decidiu, em 1907, entrar em massa nos sindicatos para que os militantes pudessem assumir suas responsabilidades ali.

Muitos anarquistas entenderam mal (e erradamente) a ideia de que o sindicalismo era uma superação do anarquismo e não a sua simples continuação: esta ideia, aos seus olhos, significava a inutilidade do movimento específico e a transferência do “ideal” anarquista para a esfera união, com a consequente perda da sua identidade política separada. “Superar” o anarquismo implicava inevitavelmente, eles argumentavam, que o sindicato absorveria o programa anarquista e que o anarquismo não teria mais uma existência separada.

Mas podemos pensar que se o movimento sindical se encontrava então nessa lógica de absorção, assumindo ao mesmo tempo os papéis de organização política e de organização de massas, é porque havia uma deficiência no nível do próprio movimento anarquista – como bem revela o diagnóstico feito por Amédée Dunois. A iniciativa do pensamento estratégico, *que não existia no movimento anarquista*, foi, portanto, assumida pelo movimento sindical.

O artigo em que Amédée Dunois convoca os anarquistas a se envolverem

39 A. Dunois, “Um Congresso Anarquista”, em *Il Pensiero*, 16 de fevereiro de 1907. Citado por Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, edições Noir et Rouge, 2014.

40 *Congresso Anarquista realizado ...*, cit., p. 35 e sq. Veja também o texto completo do relatório de Dunois, em “*Il Pensiero*”, 16 de novembro de 1907.

ativamente no movimento sindical como uma minoria revolucionária organizada não defende, portanto, precisamente a tese de Schmidt-van der Walt, segundo a qual o sindicalismo revolucionário seria a “estratégia” do movimento anarquista. Em vez disso, mostra a incapacidade do anarquismo da época de ter qualquer estratégia...

Quando temos um Malatesta que pretende instrumentalizar o movimento sindical (“queremos fazer propaganda e aproveitar o movimento operário em benefício da nossa causa”⁴¹; quando temos um Jacques Mesnil que exige “permanecer completamente anarquista, nos sindicatos como em outros lugares”⁴²; ou um L. Merlino, que critica os anarquistas por terem “se atirado de cabeça no movimento sindical”,⁴³ é difícil imaginar o movimento sindical aceitando ser a “estratégia” do anarquismo.⁴⁴

A conexão (ou falta dela) entre anarquismo e sindicalismo revolucionário é obviamente uma questão vital neste debate. O bicentenário de Bakunin nos deu a oportunidade de republicar um texto de Maurizio Antonioli, datado de 1976, mas extremamente instrutivo, que estuda precisamente esta questão: *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*.⁴⁵ Sua reedição serviu como um lembrete de que a relação entre essas duas correntes é extremamente complexa e, às vezes, conflitante.

Com o estudo de Maurizio Antonioli, saímos do domínio da ideologia (no sentido em que uso a palavra, de uma visão preconcebida e distorcida da realidade) para entrar na realidade histórica, muitas vezes trivial. Vemos então que o vínculo entre anarquismo e sindicalismo revolucionário está longe de ser idílico e a tese de Corrêa (e de Schmidt-van der Walt) segundo a qual o segundo seria uma “estratégia” do primeiro fica seriamente comprometida. A visão que Edilene Toledo nos oferece para o Brasil parece-nos mais próxima da realidade neste aspecto .

não é adequado definir como “anarcossindicalistas” aqueles anarquistas que “defenderam a atuação nos sindicatos “ (“defenderam a atuação nos sindicatos”, p. 32). A primeira razão é que o termo “anarcossindicalismo” só entrou em uso comum depois da década de 1920, e foi inicialmente usado de forma depreciativa por social-democratas e comunistas, mas também por alguns sindicalistas revolucionários. Pierre Monatte relatou em 1956 que esta expressão era “usada para fins polêmicos pela social-democracia, de direita e de esquerda, pelos social-democratas alemães, bem como pelos bolcheviques”.⁴⁶ Mas ele esquece, nesta

41 E. Malatesta, *Ainda entre William e Malatesta*, em “Volontà”, 21 de março de 1914.

42 E. Mesnil, “O espírito revolucionário “, em *Les Temps Nouveaux*, 13 de março de 1909.

43 L. Merlino, “Experiência Sindacalista “, em *Volontà*, 22 de junho de 1913.

44 Citações desses três autores podem ser encontradas em : Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, ed. Preto e Vermelho, 2014.

45 Edições Preto e Vermelho.

46 Pierre Monatte, “Souvenirs “, *Boletim Trimestral do Instituto Francês de História Social*, outubro de 1956, n.º 16.

data, de especificar que estava entre aqueles que desvalorizaram o anarcossindicalismo.⁴⁷

O anarcossindicalismo não é definido pelo vínculo *funcional* que um anarquista pode ter com a atividade sindical: ele é definido *historicamente* pela fratura que ocorreu dentro do sindicalismo revolucionário entre aqueles que apoiaram o regime soviético e que defenderam a adesão à Internacional Sindical Vermelha (eles efetivamente deixaram de ser sindicalistas revolucionários e se tornaram comunistas) e aqueles que se recusaram a aderir à Internacional Sindical Vermelha.

Para a linhagem Bakuniniana ?

O início do século XX viu o desenvolvimento de debates, que evoluíram para polêmicas vigorosas, sobre a relação entre Bakunin e o sindicalismo, entre a AIT e o sindicalismo revolucionário. É claro que o movimento anarquista se viu dividido sobre essa questão.

“Por um lado, para apoiar o ‘parentesco inegável’ entre as posições de Bakunin e as do sindicalismo, um núcleo de militantes da CGT (Pierre Monatte e o grupo ‘La Vie ouvrière’), com o apoio de James Guillaume, ‘Padre Guillaume’, companheiro de Bakunin e historiador da Internacional.

“Do outro lado, uma frente composta, mas substancialmente unida, que passava por ‘Volonté’ de Ancona (Malatesta e Fabbri), ‘Les temps nouveaux’ de Paris (Pierrot e Clair) e ‘Le réveil-Il Risveglio’ de Genebra (Bertoni e Wintsch); em última análise, os periódicos mais representativos do comunismo anarquista franco-italo-suíço.”⁴⁸

Desde o início, portanto, a ideia de um parentesco entre anarquismo e sindicalismo revolucionário, a ideia de que o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” do anarquismo, é contestada pelos próprios anarquistas. Isto porque, após uma geração de quase esquecimento, Bakunin e a Federação do Jura retornaram à vanguarda graças a James Guillaume, que publicou um texto do revolucionário russo datado de agosto de 1869, “A Política da Internacional”, e o “Fragmento que forma uma continuação de *O Império Knouto-Germânico*”, escrito em novembro-dezembro de 1872. Além disso, as obras de Bakunin começaram a ser publicadas pela Stock sob a supervisão de James Guillaume. Finalmente, os dois primeiros volumes de *A Internacional, documentos e memórias* de Guillaume, foram publicados em 1907. Todos esses textos

Veja também : <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5621224d/texteBrut>.

47 Ver *Sindicalismo Revolucionário e Comunismo*, Arquivos Monatte, Maspéro, p. 303.

48 Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, Éditions Noir & Rouge, pp. 14-15.

destacaram a importância primordial que Bakunin deu à luta econômica e aos “fundos de resistência” (os sindicatos) na formação da consciência de classe das massas trabalhadoras.⁴⁹

O surgimento do sindicalismo revolucionário na França foi percebido de forma muito diferente pelos ativistas anarquistas. A extrema complexidade das relações entre o movimento anarquista e a corrente sindicalista revolucionária que existia dentro da CGT francesa é obscurecida pela abordagem dos autores de *Chama Negra*. Quando examinamos as coisas de perto, vemos que o sindicalismo revolucionário pode ser ainda menos uma “estratégia” do movimento anarquista, já que este se opôs inicialmente à atividade sindical. Também notamos que o período estritamente “anarquista” da CGT foi muito curto – coincide aproximadamente com o período das Bourses du travail – 1892-1902.

É verdade que parte do movimento anarquista francês se entusiasmou com o sindicalismo revolucionário quando, depois que James Guillaume publicou vários textos sobre a Federação do Jura e artigos de Bakunin, descobriram a correlação óbvia de práticas entre os textos que liam e o que viam se desenrolar diante de seus olhos. Mas é preciso ressaltar que a publicação dos textos de Bakunin data de 1903, e que a publicação por James Guillaume de sua *Internacional, documentos e memórias* começa em 1905 : ou seja, data significativamente mais tarde do que o surgimento do sindicalismo revolucionário. A enorme quantidade de edição feita por James Guillaume é posterior – um pouco, é verdade – ao surgimento do sindicalismo revolucionário e, portanto, não pode de forma alguma ser designada como sua causa.

A evocação da história da Associação Internacional dos Trabalhadores alimentou uma polêmica entre apoiadores e opositores da conexão entre Bakunin e o sindicalismo revolucionário, entre anarquismo e sindicalismo revolucionário – uma polêmica cuja amargura demonstra que a ideia não era óbvia nem aceita por todos, mas da qual Schmidt e van der Walt parecem não ter tido ideia quando desenvolveram suas teses em *Chama Negra*, o que é normal, já que informações sobre essas questões dificilmente podem ser encontradas, exceto na imprensa anarquista italiana e francesa, que os autores do livro não parecem ter consultado.

Podemos, portanto, fazer a nós mesmos uma pergunta um tanto perversa: aqueles anarquistas que descobriram o sindicalismo revolucionário por meio dos textos de Bakunin e da Federação do Jura, publicados por James Guillaume, não viram nada se desenrolar diante de seus olhos antes da publicação desses textos? O movimento anarquista – pelo menos aquele que ainda não estava na CGT – só “descobriu” o sindicalismo revolucionário nessa época? Pode ser interessante pesquisar sobre esse assunto.

Luigi Fabbri apresentou a ideia de uma “matriz exclusivamente anarquista” ao sindicalismo. Ele também disse que o sindicalismo nada mais era do que

49 Veja o ensaio essencial de Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, Editions Noir&Rouge.

“socialismo anarquista em ação”.⁵⁰ Falar de uma “matriz *exclusivamente anarquista*” do sindicalismo não me parece conforme à realidade, nem que seja para reconhecer o fato de que os fenômenos históricos nunca têm determinações únicas, ponto de vista também compartilhado por Bakunin.

Em julho de 1906, *A Vita Operaia* de Ancona escreveu ⁵¹: “Sindicalismo é o conceito dado primeiramente por Bakunin e depois pela Internacional às organizações de resistência operária baseadas na abolição do capitalismo e na substituição do Estado burguês por organizações federais de trabalhadores, por meio da ação direta e revolucionária do proletariado.”

Em janeiro de 1907, René Caughi (Henri Gauche) publicou em *Les Temps Nouveaux*⁵² de 27 de janeiro de 1907, sob o título “Bakunin e o sindicalismo”, trechos da *Política da Internacional*. Ele comenta: “Bakunin era, portanto, um ‘unionista’, muito antes do sindicalismo ser criado”. Caughi acrescenta: “Parece que o mundo do trabalho — o único que importa — quer dar crédito à ideia bakuniniana contra a ideia marxista.” Note que não estamos falando aqui de sindicalismo *revolucionário*, mas de sindicalismo puro e simples.

Marie (Maria Isidorovna) Goldsmith, uma amiga próxima de Kropotkin, compartilhava dessa opinião. Em *Les Temps Nouveaux* de 6 de julho de 1907 ⁵³, ela insiste na “semelhança e até mesmo, em muitos aspectos, na identidade das ideias sindicalistas com as ideias anarquistas”. E ela acrescenta: “Bakunin, em seu artigo *A Política da Internacional*, expõe a linha de conduta que ele gostaria de ver o movimento operário seguir, em termos tais que o atual movimento sindical pareça ser a realização exata de seu programa.”

Marc Pierrot, por sua vez, enfatizou até que ponto “todos os conceitos que são a própria expressão do sindicalismo revolucionário” foram “propagados sobretudo por camaradas anarquistas”⁵⁴ e que o federalismo típico da CGT foi “anteriormente reivindicado por Bakunin” e “condenado por Marx”.⁵⁵ Concordamos que essa é uma visão simplificada da questão...

Poderíamos multiplicar as citações do período afirmando uma continuidade entre as ideias de Bakunin e o sindicalismo revolucionário, uma continuidade sobre a qual há um acordo quase total entre 1905 e 1908. No entanto, esses artigos se contentam em *observar* a identidade entre as teses de Bakunin e da Federação do Jura e as práticas do sindicalismo revolucionário que eles podem observar

50 L. Fabbri, “Il sindacalismo”, em *Il Pensiero*, 1 de junho de 1905, citado por M. Antonioli, *op. cit.*

51 Ver: “A proposito di sindacalismo”, em *La Vita Operaia*, 14 de julho de 1906, citado por M. Antonioli, *op. cit.*

52 R. Caughi, “Bakunin e o sindicalismo”, em *Les Temps Nouveaux*, 26 Janeiro de 1907. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article506>

53 Português M. Isidine, “Sindicalismo revolucionário e partidos políticos na Rússia”, em *Les Temps Nouveaux*, 6 de julho de 1907. Isidine era um pseudônimo de Marie Goldsmith, que, com Pierrot, fez parte do grupo ESRI. Veja J. Maitron, *O grupo de estudantes locais. cit.*

diante de seus olhos. Nenhum deles estabelece uma relação de causa e efeito, o que Schmidt e van der Walt não deixam de fazer mais de um século depois.

Kropotkin lança uma luz interessante sobre a questão :

“Aqueles anarquistas que sempre pensaram que o movimento operário profissionalmente organizado, pela *luta direta* contra o Capital – hoje na França é chamado de sindicalismo e “ação direta” – constitui a verdadeira força, capaz de *levar* à revolução social e de *realizá-la* através da transformação igualitária do consumo e da produção – aqueles de nós que pensamos assim durante estes últimos trinta e cinco anos simplesmente permaneceram fiéis à ideia mãe da Internacional, como ela havia sido concebida, desde 1864, pelos franceses (contra Marx e Engels) e como sempre foi aplicada na Catalunha, no Jura Bernense, no Vale do Vesdre e em parte na Itália.”⁵⁶

Podemos assim ver que Kropotkin define com bastante precisão a área de distribuição do sindicalismo de ação direta, isto é, do sindicalismo revolucionário.

Esta afirmação é interessante em mais de um aspecto:

- Kropotkin reconhece que a “ideia mãe” da Internacional foi concebida já em 1864 pelos franceses. Esta é, sem dúvida, uma referência a Proudhon, já que a Internacional foi fundada em 1864 por sindicalistas ingleses e *proudhonistas franceses*.

- Além disso, é um dos raros textos em que fala do sindicalismo revolucionário, *que, no entanto, não nomeia explicitamente*, escrito no auge do movimento.

- É também um texto que justifica Schmidt e van der Walt escreverem que Kropotkin “defendeu” o sindicalismo.

Para Amédée Dunois, a “Internacional Bakuniniana” continua a ser uma referência essencial [mas não especifica em que é constituída a “Internacional Bakuninista”. Ele escreveu em julho de 1907 : “Este anarquismo assemelhava-se como um filho ao coletivismo da Internacional (...); ele veio em linha direta de Bakunin, aquele adversário irredutível de todo doutrinário, da Federação do Jura – James Guillaume, Schwitzguébel – de Varlin, Malatesta e Cafiero, e finalmente de Kropotkin.” Até Pierre Monatte menciona em seu discurso no congresso anarquista de Amsterdã (24 a 31 de agosto de 1907) aqueles que, na

Veja <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 507> .

54 Resposta de Pierrot (ao artigo de Lagardelle) em *Les Temps Nouveaux* , 27 Abril de 1907. Todo o debate foi retomado em “Il Divenire Sociale“, 16 de maio de 1907.

55 Sr. Pierrot, “Sindicalismo”, em *Les Temps Nouveaux* , 11 de maio de 1907. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article508>

56 P. Kropotkin, “Os anarquistas e os sindicatos”, em *Les Temps Nouveaux*, 25 de maio de 1907. Cf. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 509>

Internacional, “adotaram abertamente o partido de Bakunin”.⁵⁷

Tudo isto se encaixaria bem nas teses de Schmidt e van der Walt, mas a sua abordagem obscurece o facto de que, após um momento de entusiasmo, um certo número de anarquistas rejeitou o sindicalismo revolucionário porque acabaram por considerar que este invadia as tarefas de anarquismo: muito rapidamente, uma parte notável do movimento anarquista contestará a linhagem bakuniniana e se oporá à ideia de que o sindicalismo é “socialismo anarquista em ação”, como disse Luigi Fabbri.

O acordo quase unânime sobre a “linhagem bakuninista” irá ruir. De fato, rapidamente percebemos que a referência a Bakunin visava menos legitimar o sindicalismo revolucionário como uma nova forma de ação dos trabalhadores, do que arbitrar as oposições entre as diferentes correntes anarquistas que estavam em conflito. O movimento anarquista estava em crise (veja o diagnóstico muito sombrio que Jean Grave fez em 1910⁵⁸). Não existe uma organização “específica” a nível nacional em França, enquanto o congresso de Amesterdão teve resultou na formação de um “escritório de correspondência da Internacional Anarquista”.⁵⁹

O entusiasmo de Marc Pierrot pela CGT não durou: em 1910, ele se declarou decepcionado com a evolução seguida pela CGT : ao afirmar agora que “o sindicato basta para tudo”, a CGT se posicionava como concorrente de todas as organizações políticas que pretendiam intervir no domínio social, incluindo os anarquistas.

“O desenvolvimento desta Confederação trouxe novas dificuldades e problemas que não surgiram na época de Pelloutier. Acima de tudo, deu origem a uma nova concepção, a concepção sindicalista, que se opõe à concepção anarquista, sobre o papel e o futuro dos sindicatos.”⁶⁰

Não se trata mais, portanto, de encontrar a interpretação correta dos textos de Bakunin, mas de contestar a hegemonia da organização sindical sobre o movimento revolucionário. Em particular, os anarquistas contestam o “serviço público” e o “contratualismo”, ou seja, a existência de representantes sindicais e a assinatura de acordos coletivos. Agora Pierrot se opõe claramente ao ponto de vista sindicalista revolucionário e à orientação da CGT, que ele acusa de

57 A. Dunois, *Os anarquistas e o movimento operário na França*, em “Boletim da Internacional Libertária”, julho de 1907, trad. em italiano em *Il Pensiero*, 1-16 de março de 1909. Citado por M. Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, Editions Noir & Rouge, Paris 2014.

58 Jean Grave, *O Acordo para a Ação* (trechos). (“Diagnóstico do estado do movimento anarquista em 1911”, http://monde-nouveau.net/spip.php?article_521 <http://monde-nouveau.net/spip.php?article521>)

59 Ver : *Congresso Anarquista realizado...*, cit., pp. 52-31. Um escritório foi criado em Londres com 5 membros : Malatesta, Rocker, Turner, Wilquet, Shapiro, que promoveram a publicação do “Boletim da Internacional Anarquista” para substituir o

“imperialismo”:

“A concepção sindicalista, que é, aliás, comum a todos os sindicalistas, sejam eles revolucionários, reformistas ou monarquistas, considera a organização sindicalista como um novo Partido, em suma, um verdadeiro imperialismo, que enfrentará o Estado político, seja para compô-lo, lidando como poder com poder, seja para derrubá-lo e substituí-lo. Os sindicalistas revolucionários distinguem-se simplesmente dos seus camaradas reformistas e dos aproveitadores monarquistas pelo facto de assumirem que a organização sindical constitui o embrião da sociedade futura e que o movimento operário conduz inevitavelmente a um sindicalismo estatal que substituiria, num dado momento, por resolução, as actuais instituições capitalistas.⁶¹”

Esclareçamos que as ideias de Marc Pierrot representavam um ponto de vista amplamente aceito naquela parte do movimento libertário que ainda não havia investido no movimento sindical.

Muitos anarquistas passaram então a contestar os próprios fundamentos da política de Bakunin, que defendia a “luta solidária dos trabalhadores contra os patrões” e a luta pela “redução da jornada de trabalho e aumento dos salários”.⁶² No entanto, muitos anarquistas daquela época viam em tais objetivos uma queda em direção ao reformismo; Eles não conseguiam entender a necessidade de melhorar as condições de vida diárias, muitas vezes esmagadoras, dos trabalhadores. A redução do tempo de trabalho, significando um aumento do tempo de lazer, distrairia os trabalhadores da revolução. Esclareçamos que aqueles que fizeram tais declarações não devem ter trabalhado 14 horas por dia em fábricas.

“A organização sindical”, diz Marc Pierrot, “não é o objetivo necessário para eles [*os anarquistas*]. Eles não irão às reuniões gritando, como os porta-vozes dos sindicatos: trabalhadores, organizem-se!” É certo que com tais ideias, os anarquistas não tinham chance de serem ouvidos pelos trabalhadores. Entendemos, portanto, que para Pierrot, a atividade dos anarquistas nos sindicatos não é essencial e que ela não consiste em ajudar os trabalhadores a se organizarem e a lutarem, mas em fazer ali propaganda anarquista, que consiste, em suma, em dizer que não adianta fazer greve. Aprendemos assim que “a propaganda é, acima de tudo, o objetivo dos anarquistas nos círculos sindicais; o que importa para eles a unidade dos trabalhadores, tão cara aos sindicalistas?”

anterior “Boletim da Internacional Libertária”, publicado pela Landelijke Federatie van Vrijheidlievende Kommunisten por ocasião do congresso.

60 Sr. Pierrot, “Sindicatos e Anarquia”, *Les Temps Nouveaux*, 19 Março de 1910. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article500>

61 *Ibid.*

62 *A Política da Internacional*, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article501>.

Nada disso realmente se ajusta às teses do Black Flame.

Para que fique registrado, Marc Pierrot era médico, ele considerava que a anarquia era acima de tudo uma moralidade e nunca foi um homem de ação.

A fratura que se desenvolveu entre as correntes “especificista” e “sindicalista” do movimento anarquista não poderia ser melhor expressa do que mencionando a oposição entre Luigi Bertoni e James Guillaume. Bertoni foi um trabalhador ativista suíço (tipógrafo), anarquista e sindicalista muito ativo. Para lutar contra o “reformismo” da CGT, o grupo *Temps Nouveaux* Bertoni convida em Paris, em maio de 1910, para dar palestras contra o sindicalismo,⁶³ sobre o tema: “Sindicatos e a ideia de Revolução”.⁶⁴ Ele era conhecido por sua intransigência em relação a qualquer forma de centralismo e “oficialismo”: “Não há, de fato, nenhuma diferença entre sindicalistas reformistas e sindicalistas revolucionários. “Ambos os lados estão apenas exigindo reformas”⁶⁵, explica o autor de um relatório da reunião. Só há uma solução: os anarquistas franceses, seguindo o exemplo dos anarquistas da Suíça francófona, devem constituir “ao lado dos organismos naturais da classe trabalhadora, ... ao lado dos sindicatos – que correm o risco de facilmente se atolar no corporativismo – ... especialmente grupos revolucionários”.⁶⁶

James Guillaume, que havia se estabelecido na França e apoiado o movimento sindicalista revolucionário, respondeu “argumentando contra Bertoni, o editor do *Despertar Anarquista de Genebra*, que tinha vindo duas vezes atacar a CGT em Paris”, escreve o historiador suíço Marc Vuilleumier ⁶⁷.

Diante dessa ofensiva anarquista, *La Vie ouvrière* publicou no final de 1913 uma nova edição do texto de Bakunin, *Política da Internacional*, para demonstrar o “parentesco indiscutível entre as ideias da Primeira Internacional, a grande, e as ideias atuais do sindicalismo”.⁶⁸ Aqui, novamente, estamos falando de *parentesco*, não estamos afirmando que o sindicalismo revolucionário foi fundado na época da Internacional.

Contudo, a presença dos anarquistas, tanto nas lutas operárias como nas instâncias organizativas do sindicalismo, foi decisiva; No entanto, os militantes anarquistas eram em todos os lugares o principal apoio das organizações sindicalistas revolucionárias : na Holanda, na Bélgica, na Suíça francófona, na Boêmia, na Argentina – sem mencionar, é claro, a França, a Espanha e, mais

63 Marc Pierrot, “A Conferência Bertoni”, *Les Temps nouveaux*, 10 de junho de 1910... (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article 517>).

64 L. Maire, “Os sindicatos e a ideia de revolução”, em *Les Temps Nouveaux*, 14 de maio de 1910.

65 Sr. Pierrot, *A Conferência Bertoni*, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 517>

66 X, *Sobre a Conferência de Bertoni*, em *La Vie ouvrière*, 20 de maio de 1910. Esta é, na realidade, uma interpretação do pensamento de Bertoni que ele teria pontualmente retomado na conferência.

67 Marc Vuilleumier, “Do espírito libertário da primeira internacional (AIT) ao sindicalismo revolucionário no início do século XX : James Guillaume, 1844-1916”,

tarde, a Itália. Mas é óbvio que os anarquistas que fizeram esse trabalho ingrato no movimento sindical não eram os mesmos que, em publicações libertárias, acusavam a liderança da CGT de reformismo. Foi este último que protestou contra a formação de federações industriais dentro da CGT : assim, a fusão, numa única federação, mecânicos, metalúrgicos, moldadores, etc., provocaram uma onda de críticas contra esse “corporativismo puro”, ainda que a fusão, isto é, a superação do sindicalismo profissional, num processo que resultaria na formação de federações industriais, fosse justamente a melhor maneira de lutar contra o “corporativismo” (que os anarquistas, no entanto, criticavam) e de tornar mais eficazes as lutas comuns dessas corporações. Naturalmente, La *Vie ouvrière* apressou-se a publicar um panfleto de James Guillaume, *Ideias sobre a organização social*,⁶⁹ escrito em 1874, mostrando a compatibilidade entre anarquismo e federações industriais...

E o velho William escreveu no prefácio do quarto volume de sua *Internacional* : “E o que é a Confederação Geral do Trabalho, senão a continuação da Internacional?”⁷⁰ Ao que Jean Grave responde: “O movimento anarquista – não importa o que William diga, mais do que qualquer outra pessoa — tem o direito de se proclamar o sucessor da Internacional.” Sindicalistas e anarquistas, portanto, proclamam-se herdeiros legítimos da Internacional, mas apenas prolongam o conflito latente que dividiu a chamada Internacional “antiautoritária” e que levou à sua queda.

Enquanto essas disputas aconteciam, ameaças de guerra na Europa estavam atizando tensões nacionalistas e reacendendo atividades antimilitaristas. As lutas sociais estavam se intensificando em todo o mundo :

Em 1911: longas greves de estivadores ingleses e mineiros da Virgínia Ocidental.

Em 1912: grande luta têxtil em Lawrence, liderada pelo IWW; o massacre dos mineiros de Lena ; Greve em massa dos mineiros do Ruhr. Na Itália, lutas em Turim e Ferrara, nascimento em Modena da União Sindical Italiana .

O sindicalismo revolucionário se espalhou em vários graus pelo planeta: Grã-Bretanha, Espanha, Portugal, Alemanha, Holanda, Bélgica, França, Suíça, Noruega, Império Austro-Húngaro, Rússia, Estados Unidos, Canadá, Chile, Argentina, Uruguai, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia.

A separação definitiva entre anarquismo e sindicalismo revolucionário ocorreu entre 1907 (congresso anarquista internacional em Amsterdã) e 1913 (recusa da

p. 274. Em: *Histoire et combats*, Editions d’En Bas & College of Labor

68 P. M(onatte), *Entre nós*, em “La Vie ouvrière”, 5 de novembro de 1913.

69 O folheto apareceu em La Chaux de Fonds (Impr. Courvoisier) em 1876 e foi publicado na Itália, traduzido por Andrea Costa, em Bolonha (Tip. della Soc. Azzoguidi) em 1877. Sobre os eventos deste folheto, veja. *O Internacional* Volume III, pág. 240.

70 J. Guillaume, *O Internacional*, cit. Volume IV, pág. VII.

CGT em participar do congresso sindicalista internacional).⁷¹ Naquele ano, os anarquistas retomaram a campanha contra o “funcionarismo” e o “centralismo” da CGT depois que seu congresso em Le Havre decidiu unir as Bolsas de Trabalho em agrupamentos regionais.

(a seguir)

71 A história da recusa da CGT em participar de um congresso sindicalista revolucionário internacional em 1913 mereceria um longo desenvolvimento. Veja René Berthier, “O Congresso Sindicalista Revolucionário Internacional de 1913”, http://monde-nouveau.net/spip.php?artigo638&var_mode=calcul

CGT, sindicato e revolução.....	1
Fernand Pelloutier e a entrada dos anarquistas nos sindicatos.....	3
Sindicalismo revolucionário e anarcossindicalismo: uma génese conflituosa.....	9
O nível de conexão explícita e consciente?.....	11
A Carta de Amiens.....	17
Para a linhagem Bakuniniana ?.....	25